

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**ALAN ARKIN, O COMEDIANTE ASSUSTADO**  
**13 e 22 de setembro de 2023**

**FIRE SALE / 1977**  
**(Chanfrados à Solta)**

*Um filme de Alan Arkin*

*Realização:* Alan Arkin / *Argumento:* Robert Klane baseado num romance homónimo da sua autoria / *Montagem:* Richard Halsey / *Direção de Fotografia:* Ralph Woolsey / *Produção:* Marvin Worth / *Castig:* Jane Feinberg, Mike Fenton / *Design de Produção:* James H. Spencer / *Direção Artística:* Dennis Peeples / *Interpretações:* Alan Arkin (Ezra Fikus), Rob Reiner (Russel Fikus), Vincent Gardenia (Benny Fikus), Anjanette Comer (Marion Fikus), Kay Medford (Ruth Fikus), Barbara Dana (Virginia), Sid Caesar (Sherman), Alex Rocco (Al), Byron Stewart (Captain), Oliver Clark (Mr. Blossom), William Bogert (Médico de Seguros), Richard Libertini (Pintor de Parede), MacIntyre Dixon (Pintor de Parede) / *Cópia:* 35mm, a cores, falado em inglês com legendagem em português / *Duração:* 88 minutos / *Estreia Mundial:* 9 de junho de 1977, Nova Iorque / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Aviso: A cópia que vamos exibir apresenta indícios de degradação cromática.

\*\*\*

Uma noz (*nut*) animada surge representada nos créditos de abertura. Num dos cartazes promocionais, o trocadilho é facilmente percebido: lê-se, em jeito de advertência, que a família Fikus é completamente louca (*nuts*). E, ao mesmo tempo, a ação voga, à deriva, de maneira descontrolada, sem se saber ao certo o que virá logo a seguir, dado o timbre alto (como as personagens gritam e gesticulam aqui!) e altamente absurdo de tudo. Portanto, como que numa casca de noz em pleno alto-mar, seguimos, oscilantes e atordoados, com Alan Arkin no comando das operações, a levar mais longe o tipo de humor que o celebrizou em vários papéis, desde a sátira social e política da Guerra Fria **The Russians Are Coming, The Russians Are Coming** (1966), de Norman Jewison, até à sua primeira realização, esse destrutivo olhar sobre a América chamado **Little Murders** (1971): no seu rosto, detetamos aquela falsa calma sempre à beira de uma daquelas erupções nervosas que não deixam pedra sobre pedra. Normalmente municadas pela paranoia e condenadas à falta de jeito para “vencer” na vida, as personagens de Arkin eram, por norma, fontes inesgotáveis de energia burlesca pronta a ser libertada, mal a ocasião o justificasse. Numa casa de doidos, não faltarão motivos ao treinador de *basketball* liceal, bastante fracassado (que coleciona derrotas mas que recusa demitir-se), para ser *nuts*.

Ao lado do seu irmão, interpretado por um Rob Reiner ainda na fase de ator cómico (só em 1984 ganha estatuto de realizador para se levar a sério, com o falso documentário **This is Spinal Tap**), Arkin investe de novo na comédia burlesca, mas desta vez em força, como não o fizera até aí. **Fire Sale** é um salto em frente, no sentido de afirmar o ator e realizador enquanto ponta-de-lança da comédia física americana, qual rival da então *rising star* Woody Allen, que nesse ano de 1977 lançava **Annie Hall**. O fracasso de **Fire Sale** é quase inversamente proporcional ao sucesso desse clássico dos *seventies*, ainda que em ambos possamos encontrar o mesmo dom para a criação de situações

absurdas e neles se detetar um certo comprazimento pelo humor físico e nervoso baseado em equívocos ou choques de personalidade. À época, lia-se nos *Cahiers du cinéma* que esta era uma versão cansada da comédia louca dos irmãos Marx – Allen seria a versão modernizada, fresca e “adulta” deste novo tipo de humor burlesco. Arkin conduzia em sentido contrário, estampando-se com estrondo no insucesso – o fracasso comercial e de crítica fê-lo congelar a carreira como cineasta, preterindo-a à de ator ou “secundário de luxo”.

De qualquer modo, como aliás se pode ler na *Films and Filming*, numa das raras críticas positivas ao filme, assinada por Julian Fox, aqui estava uma comédia que levava até onde podia ir o seu próprio histrionismo, dando espaço aos atores para se divertirem enquanto desenhavam caricaturas atrás de caricaturas, ao mesmo tempo que “a barraca abanava” na casa dos Fikus e o negócio familiar mais arruinado ficava. Até o perturbado tio interpretado por Sid Caesar (velha glória da comédia burlesca) se deixa envolver na intriga, mesmo que, para este veterano a viver no Hospital Militar, a América ainda esteja em guerra com os nazis e a Segunda Guerra Mundial mais ou menos a meio. O estado de guerra é total, como dizia, mas o que sobressai – e pode divertir, de facto – é mesmo a interação dos atores, à medida que são tomados por estados de alienação cada vez mais instáveis e, enfim, “espetaculares”: a mãe de família queixa-se que o pai, dono do negócio familiar, uma loja de roupas falida, estragou-lhe as férias, mas, na realidade, ele jaz semi-inconsciente numa cama depois de ter sofrido um ataque cardíaco – o humor mórbido envolvendo o corpo quase cadaverizado do *pater familia*, lembra-nos que o argumentista, Robert Klamer, se virá a tornar-se célebre graças aos sucessos populares da série de filmes **Fim-de-Semana com o Morto**. O dito pai, interpretado por Vincent Gardenia (um ator que volta a trabalhar com Arkin, enquanto realizador, depois da sua brilhante participação em **Little Murders**), recuperará a consciência a tempo de assistir às trapaças e confusões protagonizadas pelos dois filhos, perfeitos idiotas incapazes de gerir as suas vidas privadas, quanto mais a dita empresa familiar em desintegração.

A comédia é tanto mais divertida quanto mais idiotas são as situações: “Dei por mim a rir, apesar de todas as minhas reservas”, escreveu Julian Fox em jeito de desabafo, confissão ou, enfim, elogio inculcado. Talvez o pináculo desta comédia física sem freios seja a cena em que o pai de família, subitamente restabelecido, se apercebe da artimanha levada a cabo pelo filho interpretado por Reiner, uma trapaça envolvendo a apólice do seguro contra incêndios que lhe permitiu renovar a oferta da loja: o primeiro arfa intensamente, como que anunciando novo ataque cardíaco, ao passo que o segundo volta a ter um dos seus habituais “ataques de asma”. Arkin transforma esta situação num longo concerto de sopros – quanto mais tempo passa, e os atores prolongam a situação, mais irresistível é a gargalhada. Remata o mesmo crítico: “[o] filme versa, na realidade, sobre a habilidade que as pessoas têm de capitalizar desastres e as piadas mordazes complementam ocasionalmente o tema de maneira soberba”. Este é um bom resumo de um filme que, na senda do mais sofisticado **Little Murders**, é absolutamente implacável com instituições sacramentais da sociedade americana, como são a família e o “Deus dinheiro”, porque aqui o delírio e a loucura permitem à economia burlesca girar e girar mais rápido, até ao ponto de o próximo desastre – um incêndio, por exemplo – se transformar numa nova oportunidade para que este bando de chanfrados “empreendedores” possa finalmente realizar o seu “sonho americano”.

Luís Mendonça